

Aprender pelo desejo de saber sempre me seduziu, me alumbra e compõe. Desde muito pequenina, as sonoridades e as letras me encantam. Vestem e nutrem. Os cânticos e ritmos dos reinados, a poesia e as narrativas das civilizações, as inteligências da matemática, tudo isso me fascina e instrui. Ler, escutar, escrever e cantar. São lavras que me enternecem e imantam. Cuias e folhas, molhadas de afeto, ternos refúgios.

Aprender, para mim, é gosto, curiosidade, travessia, um prazeroso exercício de labor, de busca e de entendimento. E expressão de meu mais singelo respeito pelo próprio conhecimento, pelo que nos desvela da existência mesma, em todos os seus complexos riscados, âmbitos e modos de ser.

O saber é uma dádiva, uma oferenda. E aprender um seu aroma que podemos fruir e espargir.

LEDA MARIA MARTINS



Rainha, intelectual e poeta. Leda Maria Martins acumula muitos títulos – professora, doutora, escritora, teatróloga – e uma trajetória de destaque na academia, passando por instituições de ensino em Minas Gerais, Nova York e no Rio de Janeiro, da posição de aluna à chefia de departamentos. Atuou também no teatro e possui bibliografia com livros de poesia e de ensaios publicados em português e traduzidos para o inglês e o espanhol.

O título de Rainha de Nossa Senhora das Mercês vem da Irmandade Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, em Belo Horizonte (MG), com a qual convive há décadas. Sua mãe, Alzira Germana Martins (1930-2005), era rainha; ela, princesa – durante um tempo, distanciou-se do núcleo real, dedicando-se aos estudos fora do Brasil –, coroada rainha com a morte da mãe.

Sua obra acadêmica e seu pensamento são indispensáveis na investigação do teatro contemporâneo e na percepção da cultura no Brasil. Obras essenciais sobre Qorpo-Santo (José Joaquim de Campos Leão, 1829-1883) e Abdias Nascimento (1914-2011) foram escritas por ela. Sua atuação nesse campo a fez também dar nome ao Prêmio Leda Maria Martins de Artes Cênicas Negras de Belo Horizonte, com cinco edições e cujas categorias refletem conceitos de seu pensamento.

No livro AFROGRAFIAS DA MEMÓRIA: O REINADO DO ROSÁRIO NO JATOBÁ (1997), ela conta a história da irmandade em que reina e, por consequência, da tradição dos congados e de outras festas tradicionais em que escravizados realizavam coroações de seus reis, instituindo uma hierarquia do poder africano a partir de uma estrutura mítica – refazendo a história por outro olhar, um olhar ancestral.

Leda concebeu, com sua poética encantada e sua pesquisa meticulosa, conceitos que ultrapassam o campo das artes das cenas e norteiam um modo de pensar para além do eurocentrismo. Entre eles estão a ENCRUZILHADA (um espaço místico de encontro de caminhos governado pelo tranca-ruas), a ORALITURA (um modo de analisar a transmissão de mensagens, histórias e saberes pela oralidade e outras formas de falar) e o TEMPO ESPIRALAR (uma maneira de olhar o tempo à luz de conceitos bantos que dialogam diretamente com a física moderna e nos mostram que o tempo não é linear).

Ela considera o ato de aprender algo natural, prazeroso e essencial à existência. Com uma agenda repleta de compromissos dentro e fora do Brasil, mantém com o mesmo rigor as suas obrigações no congado na periferia de Belo Horizonte, tornando seu discurso uma prática, que amplia e ressignifica os modos de ver o mundo, preenchendo um vazio doloroso do pensamento negro em nossa cultura.

UMA ACENEDORA DE SÓIS A filosofia banto compara o ser humano ao Sol. Ele nasce, brilha, se põe. Há, inclusive, quem seja capaz de acender sóis. É o caso de Leda Maria Martins, a quem celebramos neste momento. Alguém capaz de brilhar e fazer brilhar. • Leda é poeta, ensaísta, dramaturga, professora, formada em letras, mestra e doutora em artes cênicas, e pós-doutora em performance. Mas é, sobretudo, antes de qualquer um desses títulos, Rainha de Nossa Senhora das Mercês da Irmandade Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, em Belo Horizonte, o que implica uma enorme devoção ao coletivo. • É em razão de seu trabalho intelectual – que reflete sobre as artes cênicas com base em cosmovisões de matrizes africanas e indígenas –, paralelamente ao seu cargo de rainha conga e educadora, que nos reunimos aqui hoje para saudar alguém capaz de agregar, potencializar e apontar futuros possíveis de reinvenção das nossas narrativas a partir de um pensamento nutrido e gestado há décadas e que une teoria e prática na mesma medida, além de se voltar para dentro do nosso território para criar a partir dele, quebrando a tradição de pensar o Brasil sem olhar verdadeiramente

para o país, o que inclui reconhecer nossas heranças afro-indígenas. • É diante dessa convocação poética que nos reunimos para agradecer a Leda, reconhecendo a potência de seu gesto, que é, na verdade, a beleza e a luta de toda a sua vida. Algo que nos faz olhar para dentro e enxergar a nossa diversidade como um tesouro a ser valorizado, um bem comum a ser compartilhado, algo vastamente praticado pela nossa homenageada e que muito nos inspira. **DIONE CARLOS**

